

NOTA DE ABERTURA

Fernando Rebelo

3

Integrado na Escola Geográfica de Coimbra, assimilei desde muito cedo as lições de humildade e de tolerância científicas que recebi dos meus Mestres. Momentos houve em que nos confrontámos com ideias diferentes e nada de mau aconteceu. Recordo particularmente um exame em que defendi a aplicação da Geografia em termos que o Doutor Pereira de Oliveira contrariou; no entanto, aceitando o meu raciocínio, premiou-me com a nota mais alta que deu naquele ano (1965). Dez anos mais tarde, na tese de doutoramento, o Doutor Fernandes Martins aceitou a minha interpretação de que o rio Douro corria adaptado a uma falha ao passar pelo afloramento quartzítico de Valongo a Castro Daire, mas não abandonou a sua ideia de que essa passagem era por epigenia...

Embora, nos últimos tempos, tenha vindo a sofrer uma certa intolerância científica da parte de alguns colegas universitários de outras escolas, penso que o exemplo a seguir é o dos grandes Mestres da Escola Geográfica de Coimbra. Por isso, a *Territorium* deverá continuar a ser um espaço aberto. Por isso, concordo com a publicação de trabalhos que apresentem conceitos diferentes daqueles que perfilho ou de trabalhos que, para definirem esses mesmos conceitos, utilizem outras palavras que não as minhas preferidas, por vezes, até algumas que tenho criticado vivamente.

O presente número da *Territorium* é, indubitavelmente, o maior e um dos mais ricos de todos os que se publicaram nos seus 16 anos de vida. Só dois artigos não se relacionam com o V Encontro Nacional de Riscos, que foi também o I Congresso Internacional de Riscos (29 a 31 de Maio de 2009). Todos os outros partiram de comunicações apresentadas por autores de variadas formações e nacionalidades.

O leitor encontrará neste número expressões que não se utilizam em Portugal, mas de que facilmente compreenderá o significado, tal como outras que lhe exigirão um certo esforço para identificar. Comparando os artigos entre si, irá descobrindo as semelhanças e as diferenças. Poderá reflectir sobre elas e tirar as suas conclusões.

Numa área científica multidisciplinar como a dos riscos, as divergências de linguagem são perfeitamente aceitáveis. No entanto, há casos em que pessoas de formação muito afastada acabam por estar de acordo. A referência a sinais de perigo, por exemplo, é comum em trabalhos de geógrafos, engenheiros, médicos; esses sinais podem ser apercebidos pelas populações e avaliados pelos responsáveis da Protecção Civil. Já é muito discutível que o mesmo aconteça com os riscos propriamente ditos – não passando de probabilidades, potencialidades ou possibilidades, os riscos são estudados ou analisados por especialistas, enquanto as populações estarão conscientes da sua existência, em regra, se têm memória de alguma das suas manifestações.

Especialistas de áreas muito diversas têm também convergido na linguagem respeitante à manifestação plena de um risco, quase sempre antecedida por sinais de perigo e sempre a exigir socorro, a impor medidas de emergência. Muitos chamam-lhe crise, mas não obrigatoriamente catástrofe (o “disaster” dos anglófonos), que, sendo o seu mais elevado grau, corresponde a prejuízos elevadíssimos e, por vezes, a um grande número de mortes. Mas a gravidade de uma crise pode ser pequena, não indo além de um acidente, ou média, podendo ser considerada um acidente grave (o “desastre” dos francófonos). A utilização da palavra desastre exigirá, então que se perceba qual o modelo seguido. O leitor rapidamente compreenderá através do conjunto do texto ou através da bibliografia referida.

Infelizmente, todos os que estudam riscos sentem dificuldades na tradução de alguns termos. Em Portugal, é frequente em todas as áreas aparecer alguém que faz uma tradução livre e que acabará por induzir outros na sua opção. Na linguagem do risco, as dificuldades em traduzir certas palavras inglesas ou francesas têm levado a muitas confusões. Talvez “hazard” seja o melhor exemplo – na realidade, não há uma palavra em português que o exprima com clareza. Se há “flood hazard”, se há “fire hazard”, se há “volcanic hazard”, etc, torna-se muito claro que se está a falar de processos que podem causar danos, se quisermos, de processos potencialmente perigosos. O “hazard” aparece muitas vezes traduzido por risco, outras vezes por perigosidade, outras vezes mesmo por perigo. Penso, todavia, que se os primeiros estudiosos de riscos nos países anglófonos quisessem dizer perigo teriam desde logo escrito “danger”. A hipótese de tradução por “risco” leva a que o risco apareça como um conceito bidimensional – em sentido restrito, como “hazard”, em sentido amplo, como “risk”, ou seja como uma

relação complexa entre "hazard" e vulnerabilidade. Mas não nos esqueçamos dos autores que, ao falarem de risco, estão a referir-se, em sentido muito amplo, a todo o conjunto sequencial "risco-perigo-crise". Com eles, passamos a um conceito tridimensional. Há mesmo quem afirme que o conceito de risco é multidimensional.

O número 16 da *Territorium* publica artigos de especialistas em diversas áreas científicas, provenientes de cinco países, que têm em comum a preocupação com os riscos. Reflectem uma grande diversidade temática e uma grande diversidade conceptual. O leitor é, portanto, convidado a fazer um esforço de entendimento de idiomas e de conceitos, chegando depois a uma reflexão que certamente lhe permitirá tirar conclusões enriquecedoras.